

“MORRER COM AS BOTAS CALÇADAS”: Desafios do Agricultor Idoso no Processo de Aposentadoria e Sucessão Familiar

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2024.60.15108>

Submetido em: 2/9/2023

Aceito em: 2/11/2023

Publicado em: 25/3/2024

Raquel Breitenbach¹; Suzana Regina Galera²; Mariele Boscardin³

RESUMO

A população rural e os gestores das unidades de produção agropecuárias estão envelhecendo e a renovação geracional no campo vem encontrando dificuldades de ser efetivada. Um dos aspectos centrais desta dificuldade reside na resistência dos agricultores mais velhos em passarem a gestão da propriedade para os mais jovens. O objetivo deste estudo foi analisar e entender as fragilidades e os problemas enfrentados pelos agricultores idosos diante do processo sucessório e da sua retirada da gestão das propriedades rurais. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa bibliométrica, seguida de uma revisão sistemática aprofundada. Como base de dados foi utilizado o *Scopus* considerando as seguintes palavras-chave: “*retirement*” AND “*succession*” AND “*farm*”. A partir da busca e refinamento dos documentos, restaram 34 documentos a serem analisados. Foi constatado que os agricultores mais velhos têm dificuldades em deixar a gestão e as atividades da propriedade rural, ou seja, eles não se aposentam. Tais dificuldades existem, sobretudo, pelo capital simbólico que a propriedade rural representa para o agricultor mais idoso e o peso ou julgamento social negativo para quem se retira, pois socialmente existe um consenso de que bons agricultores não se aposentam. Tal comportamento traz consequências negativas no âmbito do processo sucessório, das propriedades rurais e do desenvolvimento da agricultura. A ajuda governamental por meio do pagamento de subsídios aos agricultores idosos ou aos jovens sucessores ajudaria na transferência intergeracional da agricultura, bem como a semiaposentadoria.

Palavras-chave: resistência à aposentadoria; sucessão na agricultura; análise bibliométrica; pertencimento.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Sertão/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9431-3766>

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Sertão/RS, Brasil. <https://orcid.org/0009-0003-3528-4250>

³ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3308-4189>

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da força de trabalho agrícola tem se tornado uma questão central em distintos países do mundo. Este fator levanta preocupações em relação à sobrevivência, continuidade e futuro da produção agrícola, bem como a sustentabilidade da sociedade rural como um todo (Conway *et al.*, 2022). Isso decorre, em larga medida, porque o envelhecimento no campo traz distintas problemáticas, com destaque para melhorias e crescimento das propriedades rurais aquém do que se fossem gerenciadas por jovens qualificados (Rogers *et al.*, 2014). Os agricultores mais velhos não planejam o futuro de forma tão eficaz e rápida se comparado com os jovens e, por isso, argumenta-se que a ausência destes últimos pode ocasionar períodos de estagnação, queda de produtividade e atraso tecnológico (Conway *et al.*, 2022; Wheeler *et al.*, 2021; Page, 2012; Gha, 2012; Kararach; Kobena; Frannie 2011; Mbeine, 2012).

Em virtude disso, o envelhecimento da população rural e suas consequências alertam para a necessidade do aumento da força de trabalho (operacional e gerencial) dos jovens, por meio da sucessão geracional (Conway *et al.*, 2022; Breitenbach; Foguesatto, 2023), que depende de um conjunto de fatores (Matte *et al.*, 2019; Breitenbach; Corazza, 2020), entre eles: desempenho econômico (Bertoni; Cavicchioli, 2016; Foguesatto *et al.*, 2020); tamanho das propriedades (Aldanondo Ochoa; Casanovas Oliva; Almansa Sáez, 2007; Glauben; Tiete; Weiss, 2006); nível de rendas agrícolas (Wheeler *et al.*, 2012); escolaridade dos potenciais sucessores (Beecher *et al.*, 2019; Glauben; Tiete; Weiss, 2006); envolvimento destes nas atividades agrícolas (Breitenbach; Foguesatto, 2023); gosto pela atividade (Lago *et al.*, 2022); diálogo entre os pais e os potenciais sucessores (Conway *et al.*, 2017; Pitts *et al.*, 2009).

A importância do “rejuvenescimento” na agricultura está assentada, ainda, na estrutura de negócios em que a ela atua na contemporaneidade, impulsionada pela tecnologia, comércio global e competição de mercado. Nesse contexto, os agricultores envelhecidos lutam para atravessar o mundo macro dos negócios e os roteiros tradicionais da agricultura (Rogers *et al.*, 2014).

A forma mais usual de operacionalizar essa renovação e “rejuvenescimento” na agricultura ocorre a partir do processo sucessório intergeracional (Breitenbach; Corazza, 2019). Com um processo sucessório planejado, ocorre a transferência de terra, conhecimento e gestão dos agricultores mais velhos para outros mais jovens, ou de uma geração para a próxima, aumentando as chances de prosperidade futura do setor agrícola e, no longo prazo, da produção de alimentos (Conway, 2022; Mishra; El-Osta; Shaik, 2010). Assim entendido, o planejamento sucessório é um componente imperativo da estratégia de gestão de risco de uma família para o seu negócio agrícola, na medida em que visa à continuidade da equipe de gestão da propriedade (Mishra; El-Osta; Shaik, 2010).

Neste sentido, o processo sucessório na agricultura é marcado por desafios e conflitos de distintas ordens (Urban; Nonkwelo, 2022), entre os quais destacam-se os conflitos intergeracionais e uma especial dificuldade dos agricultores mais velhos, idosos, abrirem mão da gestão da propriedade e passarem a confiar esse trabalho para os filhos ou sucessores (Breitenbach; Corazza, 2019).

Esse contexto traz à tona um problema recorrente, mas muitas vezes negligenciado nas pesquisas acerca de sucessão geracional na agricultura, qual seja: a geração sênior, os agricul-

tores idosos da comunidade agrícola não se aposentam⁴. Ou seja, os agricultores mantêm-se na gestão, nas tomadas de decisão e no trabalho operacional da propriedade pelo maior tempo possível (Mishra; El-Osta; Shaik, 2010; Conway *et al.*, 2021). Os agricultores decidem permanecer na atividade até que a saúde permita e a ideia de “afastar-se” da agricultura e ser “aposentado” seja difícil de ser aceita por eles (Conway *et al.*, 2021).

Corroborando estas afirmações, O’Callaghan e Warburton (2017) atestam que o setor agrícola nunca foi uma profissão fácil, uma vez que os agricultores são profissionais que trabalham longas horas diárias e nos fins de semana. Ainda, para estes profissionais não existe uma idade predefinida para a aposentadoria e os trabalhadores da agricultura tradicionalmente “morrem com as botas” (O’Callaghan; Warburton, 2017).

Apesar, contudo, do desejo persistente de não se “aposentar”, a natureza física da agricultura, somada ao contexto de demandas por inovação tecnológica no setor, tornam cada vez mais difícil para os agricultores idosos manterem suas propriedades produtivas por conta própria, sem o auxílio de um sucessor (Breitenbach; Corazza, 2019). Por isso, o processo de envelhecimento tem implicações importantes para a saúde, bem-estar e segurança do agricultor mais velho no contexto agrícola (Rogers *et al.*, 2014). Ainda, segundo Stoffel (2013), a análise específica de crianças, jovens, mulheres, homens e idosos oferece uma perspectiva sobre as oportunidades de sucessão e continuidade na agricultura familiar.

Diante disso, a questão de pesquisa apresentada neste trabalho está centralizada nas evidências dos benefícios sociais e econômicos de permitir que os jovens se insiram na gestão e trabalho das propriedades rurais e o porquê de, mesmo diante destas evidências, existir uma resistência por parte dos agricultores idosos em se aposentar. Questiona-se, portanto, quais as dificuldades encontradas pelos idosos no processo de sucessão de suas unidades de produção agropecuárias que impactam na sua retirada da gestão e das atividades operacionais e o que explica essa resistência dos agricultores em relação à aposentadoria. Para responder a estes questionamentos delimitou-se como objetivo deste trabalho analisar e entender as fragilidades e os problemas enfrentados pelos agricultores idosos diante do processo sucessório e da sua retirada da gestão das propriedades rurais. A seguir serão detalhadas as seções de material e métodos, resultados e considerações finais.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo utilizou como método de pesquisa a análise bibliométrica e pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa é comumente utilizado por permitir analisar o estado da arte de determinado tema por meio de pesquisas teóricas. A análise bibliométrica envolve três fases básicas: coleta de dados, análise de dados e visualização de dados e relatórios (Bawach *et al.*, 2022). Desse modo, o presente trabalho teve início com a coleta de dados, seguido da análise destes e, por fim, a interpretação.

⁴ O termo aposentadoria, para fins desta pesquisa está vinculado ao momento em que o agricultor mais velho se retira da gestão da propriedade, tendo relação com a palavra originalmente em inglês “retirement”, considerado o período na vida de alguém depois de ter parado de trabalhar por ter atingido uma determinada idade. O caminho natural ideal seria que a geração mais jovem assumisse a gestão e o trabalho da propriedade na medida que a geração mais velha se retirasse, ocorrendo a ‘sucessão’ e ‘aposentadoria’ concomitantemente (Conway *et al.*, 2017). Nos estudos de Alcântara (2006) a aposentadoria apresenta-se como um marcador importante na vida dos agricultores, porém o conceito de aposentadoria para o meio rural significa a interrupção do trabalho no meio.

Para a realização da pesquisa foi considerado um conjunto de dados já publicados sobre o tema *aposentadoria ou retirada dos agricultores mais velhos das propriedades rurais e a relação com o processo sucessório*. A pesquisa ocorreu em julho de 2022 e as referências utilizadas foram consultadas na base de dados Scopus. Esta é considerada a maior base de dados de resumos e citações de literatura revisada por pares, com ferramentas bibliométricas para acompanhar, analisar e visualizar a pesquisa (Scopus..., 2022).

Como critério para seleção dos trabalhos optou-se pela busca por publicações sem limite de tempo definido e preferencialmente artigos científicos publicados em periódicos, revisados por pares, e capítulos de livros. A busca por publicações foi realizada utilizando as palavras-chave: “*retirement*” AND “*succession*” AND “*farm*”, com o objetivo de encontrá-las no título, no resumo e nas palavras-chave, considerando documentos em qualquer tempo de publicação.

A busca retornou inicialmente 37 documentos, os quais são artigos e capítulos de livros do período temporal entre 1991 e 2022. Estes documentos foram avaliados quanto à pertinência da temática, considerando título, resumo e palavras-chave. Após essa análise, foram excluídos três documentos por não terem ligação com a temática estudada. Restaram, portanto, 34 documentos, para os quais foi realizada a análise bibliométrica.

A análise bibliométrica foi realizada com o auxílio do *Software Bibliometrix* para dados de referência. O *Bibliometrix*, é um programa completo comparado com outras ferramentas, possui abrangência no número de análises e tem sido muito utilizado por apresentar facilidade de aplicação (Moreira; Guimarães; Tsunoda, 2020). Os 34 documentos selecionados para análise bibliométrica foram escritos por 69 autores diferentes e publicados em 24 fontes distintas, conforme visualizado na Figura 1.

Dos 34 documentos em que foi realizada a análise bibliométrica, obteve-se acesso ao texto completo de apenas 32, para os quais foi realizada a análise sistemática, constituindo a segunda fase do estudo, como visualizado na Figura 1.

Figura 1 – Seleção de documentos na plataforma Scopus



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

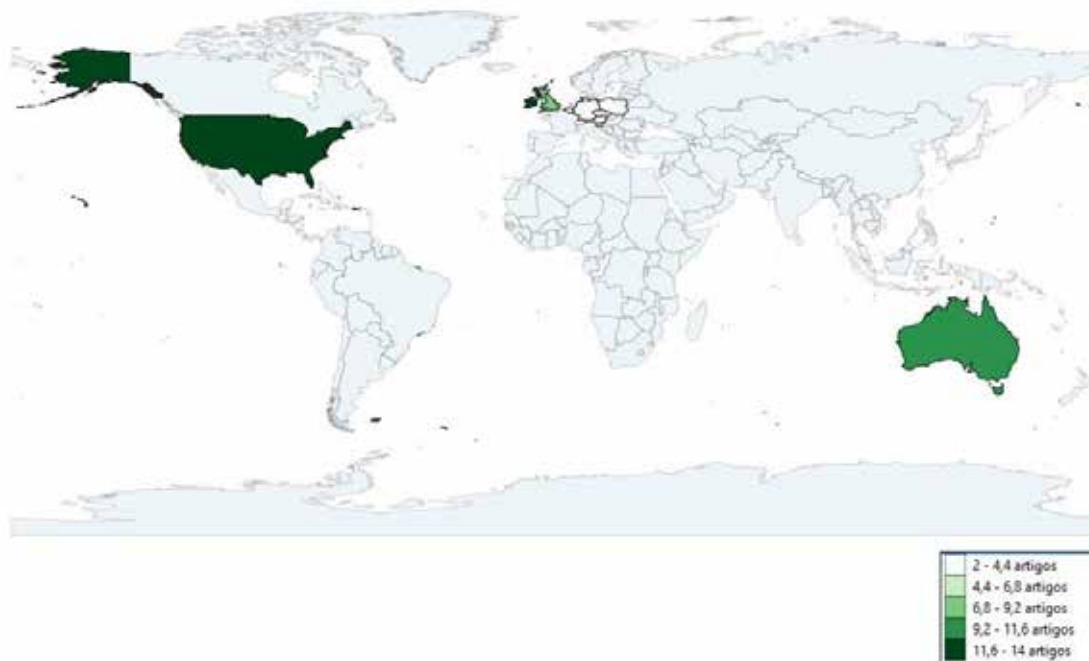
A pesquisa bibliográfica buscou aprimoramento e atualização do conhecimento por meio de uma investigação científica de obras já publicadas. Na pesquisa bibliográfica buscou-se ler, refletir e escrever sobre o que se compreendeu como relevante em cada um dos 32 documentos, para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos. A referida análise foi direcionada para responder os objetivos propostos pela pesquisa. Foram considerados nos resultados a percepção dos autores acerca do tema aposentadoria e o processo sucessório.

ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DO TEMA

Nesta seção serão apresentados os resultados da análise bibliométrica dos artigos selecionados na base de buscas *Scopus*. A temática estudada – dificuldades encontradas pelo idoso no processo de aposentadoria e sucessão familiar na agricultura – está em pauta há aproximadamente 31 anos. Destaca-se que, dos 34 documentos selecionados, 31 eram artigos, 1 livro, 1 capítulo de livro e 1 artigo de revisão, publicados em 24 fontes distintas.

O primeiro indicador bibliométrico previsto no objetivo da pesquisa foi mensurar os principais países que mais publicaram sobre o tema da pesquisa, conforme apresentado na Figura 2. Como ilustrado, a Irlanda e os Estados Unidos lideram o *ranking*, com 14 publicações cada, seguido da Austrália, com 11, e do Reino Unido, com 8 publicações. Destacam-se ainda a Alemanha, com 4 publicações, Áustria e Polônia, com 3 e Bélgica, República Tcheca e Eslovênia com 2 publicações cada. A maioria dos países que se destacam nas publicações estão localizados geograficamente no continente europeu.

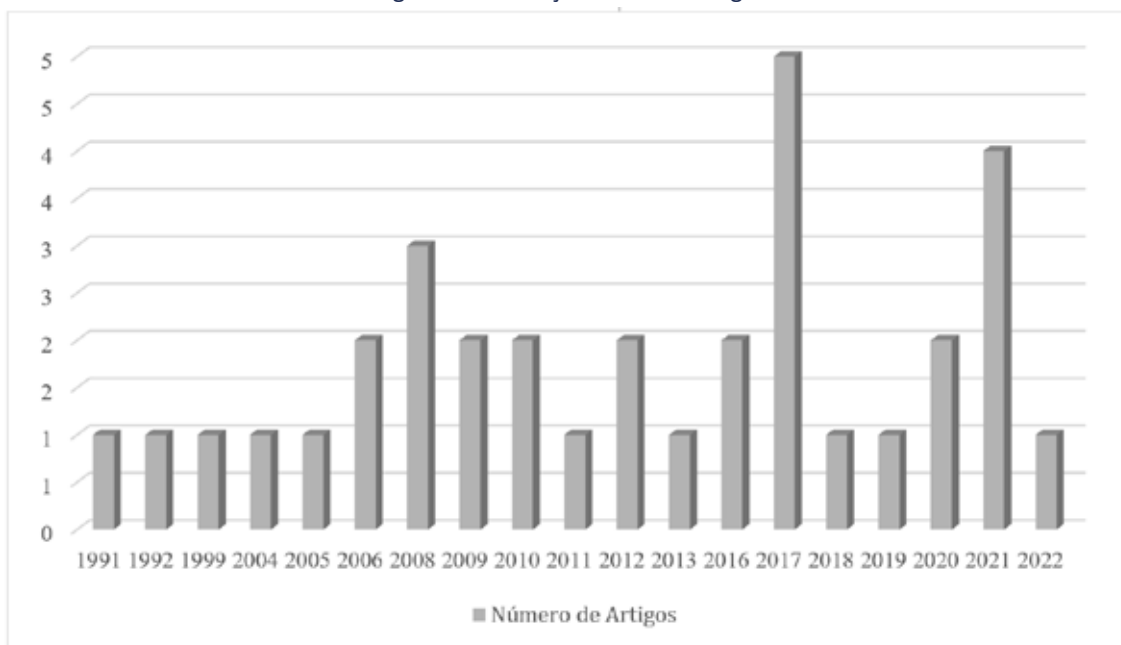
Figura 2 – Produções científicas por países



Fonte: Bibliometrix – RStudio Software (2022). Elaborada pelos autores.

Outro dado analisado refere-se à produção anual de artigos, conforme evidenciado na Figura 3, que apresenta uma análise e evolução temporal dos estudos.

Figura 3 – Produção anual de artigos



Fonte: Bibliometrix – RStudio Software (2022). Elaborada pelos autores.

Pode-se observar que o número de publicações atingiu o maior pico no ano de 2017. Em relação os periódicos que mais publicaram sobre o tema (Tabela 1), destacam-se o *Journal of Rural Studies* e *Sociologia Ruralis*, com 5 e 3 artigos publicados respectivamente.

Tabela 1 – Principais periódicos que publicaram sobre o tema

Fontes	Artigos
Journal of Rural Studies	5
Sociologia Ruralis	3
Keeping it in Rhe Family: International Perspectives on Succession and Retirement on Family Farms	2
Land Use Policy	2
Rural Society	2
Sustainability (Switzerland)	2

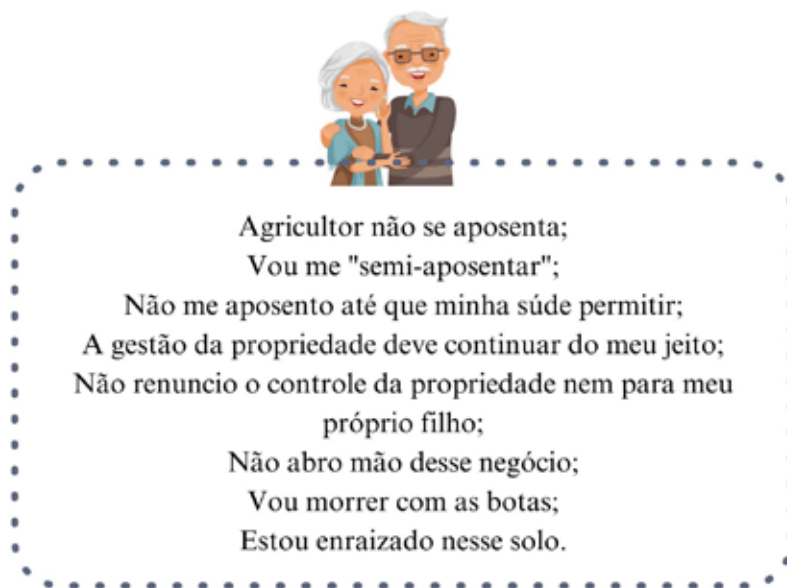
Fonte: Bibliometrix – RStudio Software (2022). Elaborada pelos autores.

TRANSIÇÃO GERACIONAL NA AGRICULTURA: DESAFIOS NA APOSENTADORIA DOS AGRICULTORES MAIS EXPERIENTES

Na segunda fase desta pesquisa, que envolveu uma análise aprofundada dos artigos resultantes da busca bibliográfica, foram obtidos os principais resultados. A primeira e mais importante constatação, unânime entre os artigos analisados, é de que os agricultores idosos enfrentam dificuldades ou um desinteresse em se retirar da atividade agropecuária para

permitir que um sucessor assuma. Mesmo quando estão em idade de se aposentar e de iniciar o processo sucessório, esses agricultores optam por continuar no controle gerencial e operacional de suas propriedades rurais. Este desafio é apresentado em distintas formas de manifestação e posicionamento, visualizados na Figura 4.

Figura 4 – Síntese sobre as dificuldades encontrada pelos idosos na aposentadoria e retirada da gestão da propriedade rural



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Constatou-se, portanto, que o mundo está passando por um dramático envelhecimento populacional e essa tendência demográfica reflete-se no setor agrícola, onde o número de agricultores mais velhos está aumentando dramaticamente (Downey; Threlkeld; Warburton, 2017). Além do problema do envelhecimento, encontram-se dificuldades na aceitação de aposentadoria desses agricultores idosos (Petrick; Weiss, 2009). Isso posto, independentemente do país, as pesquisas apontam que os agricultores não aceitam a aposentadoria, não veem motivos para deixar a propriedade e pretendem continuar nela até que sua idade e saúde permitam.

A agricultura, portanto, ocupa a mente dos idosos, além do sentimento de pertencer e ser útil para a sociedade e isso anula estratégias de sucessão antecipadas (Petrick; Weiss, 2009; Conway *et al.*, 2018). Cabe ressaltar que esta pesquisa abordou artigos que avaliaram realidades específicas e as motivações podem variar de acordo com o país analisado. Por exemplo, entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, o que culmina em um risco para a generalização desses resultados.

Apesar de os agricultores estarem envelhecendo, desejam permanecer enraizados em suas fazendas “até que a morte os separe” (Conway *et al.*, 2018). Desta forma, esses agricultores têm o desejo, fruto de uma construção sociocultural, de manter a propriedade na família, no entanto há também uma relutância por parte dos mais velhos em renunciar ao controle e propriedade, optando por não se aposentar (Conway *et al.*, 2016b). Ou seja, as pesquisas indicam que a geração mais velha enfrenta dificuldades em abrir mão do controle gerencial

e dos direitos da propriedade, mesmo em relação aos seus próprios filhos, buscando manter o *status quo* da estrutura de gestão existente na propriedade familiar (Conway *et al.*, 2018; Conway *et al.*, 2017).

Não há contradição em querer manter a propriedade da terra e, ao mesmo tempo, não se aposentar, posto que o acesso e manutenção do controle da terra não se limitam apenas a razões e funções produtivas. O controle da terra pode representar a manutenção de um modo de vida e de práticas socioculturais complexas e fundamentais. Assim sendo, é importante não avaliar a situação apenas sob a perspectiva da produtividade, ignorando uma constelação de outros elementos, o que fragilizaria e limitaria a análise.

Evidenciou-se, portanto, que no meio rural é recorrente entre os agricultores a ideia de que “os agricultores não se aposentam” (Downey; Threlkeld; Threlkeld, 2016; Holloway *et al.*, 2021). Estes geralmente permanecem profissionalmente ativos, o que é inconsistente com os modelos tradicionais de aposentadoria (Marcoux; Hébert, 2020). A maioria dos agricultores nunca menciona a aposentadoria durante sua vida e nem imagina se aposentar; além disso, a maioria dos aposentados pelo fundo da previdência ainda trabalha (Hautaniemi; Gutmann, 2006).

O conceito de ‘agricultor aposentado’ é, portanto, rejeitado pela comunidade agrícola, que associa a aposentadoria completa com a perda do estilo de vida e da independência que a agricultura proporciona (Downey; Threlkeld; Threlkeld, 2016). Cabe ressaltar que as pesquisas apontaram que as mulheres agricultoras têm mais interesse na aposentadoria do que os homens (Downey; Threlkeld; Threlkeld, 2016), o que pode ser consequência da dupla jornada e das demandas incessantes e intermináveis tarefas domésticas (Breitenbach; Foguesatto, 2023). Dadas estas constatações, merecem ser aprofundados os motivos para que os agricultores operem desta forma, bem como as questões psicológicas e familiares daí decorrentes (Marcoux; Hébert, 2020), tema este que será discutido na próxima seção.

Fatores que dificultam a retirada dos agricultores idosos da gestão da propriedade

A partir da análise aprofundada dos artigos foi possível identificar que existe um conjunto de motivos que fazem com que os agricultores idosos tenham dificuldades em deixar a propriedade. Tais motivos foram mapeados e classificados em duas categorias: a) As dificuldades de encontrar um sucessor e descobrir um sucessor capacitado; b) Dificuldades de abrir mão dos benefícios sociais e emocionais da profissão. A síntese destes aspectos é apresentada no Quadro 1 e os mesmos são discutidos na sequência.

Quadro 1 – Síntese dos fatores que interferem na aposentadoria dos agricultores idosos

Por que os agricultores idosos não se aposentam da agricultura? Causas centrais	
1. Dificuldade de encontrar um sucessor e que seja capacitado.	<ul style="list-style-type: none"> – Nem sempre é fácil atrair um sucessor (Hayden; McNally; Kinsella, 2021); – Agricultores sem sucessores reduzem seus negócios e investimentos e, ao final do ciclo de vida, vendem a propriedade (Calus; Huylenbroeck; Lierde, 2008; Glauben; Tiete; Weiss, 2006; Ingram; Kirwan, 2011); – Propriedades sem sucessores têm valor de mercado reduzido (Calus; Huylenbroeck; Lierde, 2008); – O momento da sucessão é afetado pela capacidade administrativa do sucessor (Petrick; Weiss, 2009).
2. Dificuldade de abrir mão dos benefícios sociais e emocionais da profissão	<ul style="list-style-type: none"> – Se tiver saúde, não veem motivos para se aposentar (Petrick; Weiss, 2009); – Oferecer experiência para os jovens (Ingram; Kirwan, 2011); – Medo de perda de identidade pessoal, independência, autoestima e <i>status</i> como profissionais qualificados e ativos em suas comunidades agrícolas (Conway <i>et al.</i>, 2016b; Hayden; McNally; Kinsella, Jansuwan; Zander, 2021; Rogers <i>et al.</i>, 2014); – A agricultura os coloca na sociedade e a aposentadoria os excluiria, fazendo com que o rumo da vida se perdesse (Conway <i>et al.</i>, 2016a); – Sustentar seu domínio posicional como chefe da agricultura familiar (Conway <i>et al.</i>, 2016b; Downey <i>et al.</i>, 2017); – Gostam da agricultura, traz bem-estar, saúde, sensação de fazer um trabalho significativo; sentimento de responsabilidade (Jansuwan; Zander, 2021); – Sentem-se ambiental e financeiramente incapazes de fazer mudanças; aversão ao risco; manter a renda da agricultura para complementar a aposentadoria previdenciária (Hautaniemi; Gutmann, 2006; Jansuwan; Zander, 2021); – A comunidade agrícola considera que o bom agricultor não se aposenta e desistir da agricultura é sinal de fracasso (Conway <i>et al.</i>, 2016b; 2021; Rogers <i>et al.</i>, 2014; O’Callaghan; Warburton, 2017); – Papel simbólico da propriedade rural, conexões emocionais com a agricultura, o ‘estar enraizado na terra’ (Conway <i>et al.</i>, 2016; Rogers <i>et al.</i>, 2014; O’Callaghan; Warburton, 2017); – Por não terem recebido a terra e a gestão da propriedade cedo não pretendem passar ela cedo (Duesberg; Bogue; Renwik, 2017).

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

a) *As dificuldades do agricultor idoso em encontrar um sucessor ou descobrir um sucessor capacitado para assumir a gestão da propriedade rural.* A existência de um sucessor e que ele seja capacitado é um fator condicionante para a aposentadoria e retirada dos agricultores. Em muitos casos essa retirada não ocorre por que os agricultores idosos não têm para quem passar a propriedade ou essa pessoa não é capacitada.

Reitera-se que a sucessão e a aposentadoria estão conexas e refletem os ciclos de vida da família e do negócio agrícola. As fases de crescimento, consolidação e saída de uma empresa se sobrepõem às fases de aposentadoria e sucessão de uma família (Mishra; El-Osta; Shaik, 2010). Por isso, as decisões de aposentadoria e sucessão familiar nas propriedades rurais são indissociáveis, o que significa que quando existe sucessão o agricultor deve se aposentar (Kimhi; Lopez 1999).

Para o agricultor mais velho é satisfatório quando o jovem continua na propriedade rural e é uma oportunidade de ensinar suas habilidades e experiências sobre o campo (Ingram; Kirwan, 2011). Quando este jovem é da família, torna-se ainda mais simbólico e importante a sucessão (Petrick; Weiss, 2009; Mishra; El-Osta, 2008). Quando a sucessão acontece o jovem toma a gestão da propriedade e, para o agricultor mais velho, isso traz uma sensação de satisfação ao ver um jovem permanecer na fazenda e poder lhe trazer experiências sobre a agricultura (Ingram; Kirwan, 2011). A aposentadoria e sucessão permitem que as propriedades rurais sejam repassadas através das gerações, oferecem preciosas inter-relações e experiências sociais e familiares que impactam no senso de pertencimento (Holloway *et al.*, 2021). Além disso, a sustentabilidade da agricultura depende de uma sucessão efetiva (Pechrová; Šimpach, 2020).

Nem sempre, no entanto, é fácil atrair um sucessor agrícola, o que demanda a preparação do jovem para que permaneça no meio rural (Hayden; McNally; Kinsella, 2021). Os agricultores idosos sem sucessores não têm incentivo e motivação para continuar expandindo o negócio e acumulando capital na velhice, o que é mais provável em propriedades menores. Ter um sucessor fornece um estímulo para obter maior renda agrícola (ou seja, torná-la atraente para a próxima geração) por meio do investimento e adoção de tecnologias de produção de capital intensivo, ampliando a eficiência da produção e, portanto, aumentando a renda e as chances de sucessão familiar (Mishra; El-Osta; Shaik, 2010; Glauben; Tiete; Weiss, 2006; Calus; Huylenbroeck; Lierde, 2008; Potter; Lobley, 1992 ; Petrick; Weiss, 2009). Somado-se a isso, ocorrem situações em que o jovem sucessor não tem uma boa capacidade administrativa e a sucessão e aposentadoria tornam-se ainda mais tardias (Petrick; Weiss, 2009).

b) As dificuldades encontradas por idosos em deixar os benefícios socioemocionais ofertados pela profissão. Do ponto de vista do poder simbólico embutido nesta profissão, a geração mais velha enfrenta dificuldades em abrir mão do controle gerencial e dos direitos de propriedade da agricultura familiar, mesmo em relação a seus próprios filhos. Isso deve-se ao desafio de ceder o controle de um negócio no qual estiveram no comando por muitos anos (40 ou 50 anos) (Conway *et al.*, 2021). Nestes casos, a geração sênior de agricultores pode resistir ao planejamento de sucessão e aposentadoria como meio de sustentar seu domínio posicional como chefe da agricultura familiar (Conway *et al.*, 2016a).

Existem, contudo, fatores sociais e de bem-estar que também são centrais. A propriedade rural possui grande papel simbólico e traz questões emocionais para os agricultores idosos, sendo inevitáveis os desafios e mudanças trazidos pela transferência intergeracional da agricultura familiar (Conway *et al.*, 2016b). Neste caso, para os agricultores, continuar suas atividades é fundamental para a manutenção de suas identidades (Alcântara, 2016; Hayden; McNally; Kinsella, 2021; Rogers *et al.*, 2014). A identidade pessoal desses agricultores está profundamente enraizada na terra, pois acreditam que desistir da agricultura é sinal de fracasso (Conway *et al.*, 2016a). De fato, esses agricultores são tão socializados nas histórias de trabalho físico árduo, apego e pertencimento à terra que têm dificuldade em encontrar um mapa alternativo para o futuro (O’Callaghan; Warburton, 2017).

É por isso que os agricultores elaboram estratégias para proteger essa identidade, incluindo resistir à mudança comportamental e não se aposentar (Downey; Threlkeld; Warburton, 2017). Destarte, a identidade e a autoestima dos agricultores relacionam-se com sua ocupação e, por isso, transferir o controle gerencial da fazenda e se aposentar é um conceito

difícil de aceitar, fazendo com que os agricultores resistam a essa transferência (Conway *et al.*, 2016a; O’Callaghan; Warburton, 2017). Ou seja, existe uma elevação de autoestima, senso de lugar e pertencimento que os faz se sentirem profundamente ligados às suas propriedades, ajudando a manter seu *status* como profissionais qualificados e ativos em suas comunidades agrícolas (Jansuwan; Zander, 2021). Somado a isso, existe o prazer de cultivar, ser ativo na atividade agrícola e manter os agricultores saudáveis (Jansuwan; Zander, 2021).

A vida no meio rural proporciona sensação de bem-estar, sentimento saudável e sensação de fazer um trabalho significativo e com responsabilidade. Por esses motivos o agricultor mais velho insiste em não deixar a gestão da propriedade (Jansuwan; Zander, 2021). Poucas outras empresas criam as conexões emocionais que a agricultura cria, pois é onde moram o empresário e sua família, criam seus filhos, conectam-se a comunidade e são geradas suas memórias familiares (Conway *et al.*, 2021).

Outros aspectos que pesam na decisão de não se aposentar são os conceitos socialmente aceitos do que é ser um bom agricultor, um *habitus* enraizado na sociedade agrícola. O agricultor idoso é reconhecido e valorizado localmente por seu trabalho. Manter-se visivelmente ativo, ocupado e produtivo são princípios considerados centrais para envelhecer bem (O’Callaghan; Warburton, 2017). Neste caso, a agricultura os insere na sociedade e a aposentadoria os excluiria (Conway *et al.*, 2016a). Esta situação reflete o sentimento de pertencimento dos agricultores, o qual funciona como um escudo contra o medo de não ser necessário, não ser valorizado e significativo em seu ambiente agrícola (O’Callaghan; Warburton, 2017).

Relacionado a isso, Conway *et al.* (2021) introduzem o conceito de “*habitus* agrícola”. Para esses autores, esse *habitus* representa um sistema de esquemas individuais socialmente constituído e disposições estruturadas, adquiridos por meio das experiências práticas e constantemente orientados para as funções e ações do agir cotidiano. O denominado *habitus* do agricultor mais velho, um processo muitas vezes inconsciente relacionado à internalização de um arbítrio cultural, bem como as questões emocionais e sociais envolvidas com seu trabalho agrícola, distorcem e dominam as decisões da geração mais velha sobre a trajetória futura da propriedade (Conway *et al.*, 2021). Ou seja, se aposentar vai contra a corrente do *habitus* dos agricultores mais velhos, parecendo-lhes instintivamente “errado”, bem como incompatível com o que é necessário para ganhar reconhecimento como um “bom agricultor” dentro da comunidade agrícola (Conway *et al.*, 2021).

O *habitus* é um conceito chave na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. Refere-se a um conjunto de disposições duráveis e incorporadas que moldam a forma como os indivíduos percebem e respondem ao mundo social à sua volta. O *habitus* é adquirido por meio da socialização e da experiência, e é fundamental para a formação da identidade social e cultural de um indivíduo, bem como é uma das principais formas pelas quais as estruturas sociais são reproduzidas ao longo do tempo (Bourdieu, 1982, 1992). Esse conceito auxilia na compreensão do comportamento dos agricultores mais velhos e vai ao encontro dos achados dos demais autores mencionados.

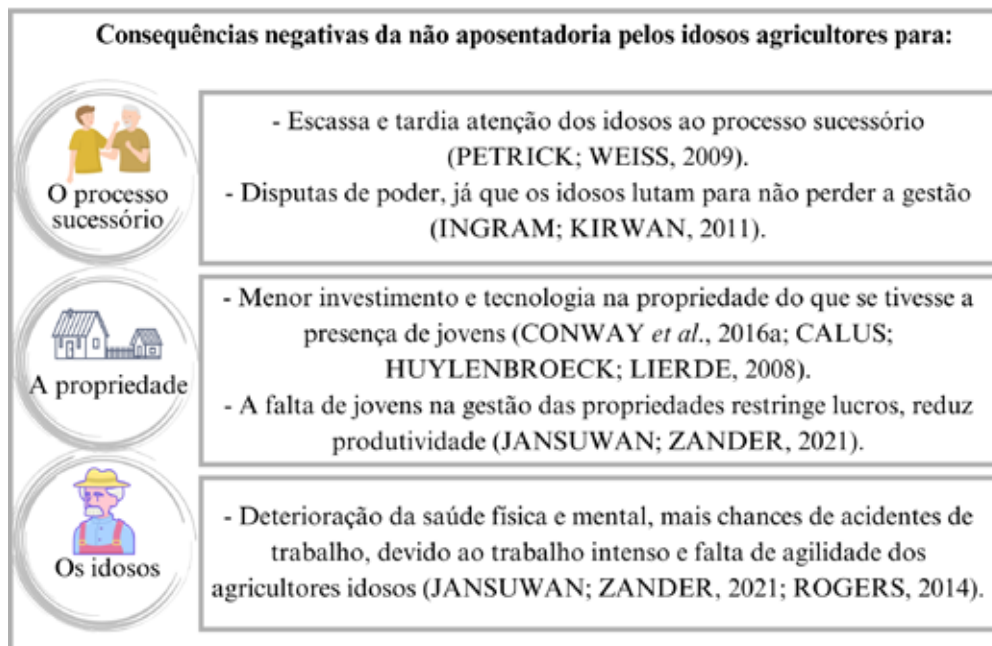
Outro motivo que leva os agricultores a adiarem a aposentadoria está relacionado à questão financeira. Muitos deles optam por permanecer ativos devido à sensação de incapacidade tanto ambiental quanto financeira para fazer mudanças em suas vidas (Jansuwan; Zander, 2021). Um dos maiores receios dos agricultores mais velhos ao considerar a aposentadoria é a preocupação de que os benefícios previdenciários não sejam suficientes para garantir sua sobrevivência (Hautaniemi; Gutmann, 2006).

Finalmente, há agricultores que escolhem não se aposentar porque, da mesma forma que não herdaram a terra e a gestão da propriedade em uma idade precoce, não têm a intenção de transferi-las precocemente para os sucessores. Isso representa uma tentativa de replicar a própria trajetória vivida (Duesberg; Bogue; Renwik, 2017).

Impactos adversos da não aposentadoria do agricultor sênior e estratégias para mitigá-los

Como destacado nas seções anteriores, os agricultores idosos optam por não se aposentar na agricultura por diversas razões compreensíveis. Este comportamento, no entanto, acarreta consequências adversas, tanto para os próprios agricultores mais velhos quanto para suas unidades de produção, assim como para o processo sucessório intergeracional. Estas repercussões negativas foram sintetizadas na Figura 5 e serão abordadas mais detalhadamente posteriormente.

Figura 5 – Síntese das consequências negativas da não aposentadoria pelos idosos agricultores



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

As consequências negativas para o processo sucessório decorrem da sucessão tardia ou da ausência dela, sendo o resultado, entre outros fatores, da resistência dos agricultores mais velhos em abrir mão do controle da propriedade rural (Ingram; Kirwan, 2011). Esta relutância leva os idosos a se envolverem tardia e, muitas vezes, de forma ineficiente no processo sucessório (Petrick; Weiss, 2009). O desejo de manter o poder por parte deles gera conflitos com as novas gerações, sendo uma das tensões comuns nas propriedades rurais (Ingram; Kirwan, 2011).

Sem um planejamento adequado para a sucessão, ocorre um efeito não intencional: a entrada de jovens agricultores no negócio diminui progressivamente, enquanto a propriedade da terra se concentra nas mãos mais velhas. Consequentemente, há uma falta de mobilidade da terra, o que leva a uma redução do número de transferências agrícolas (Conway *et al.*, 2016a). É importante ressaltar que as intenções de sucessão começam a influenciar nas decisões

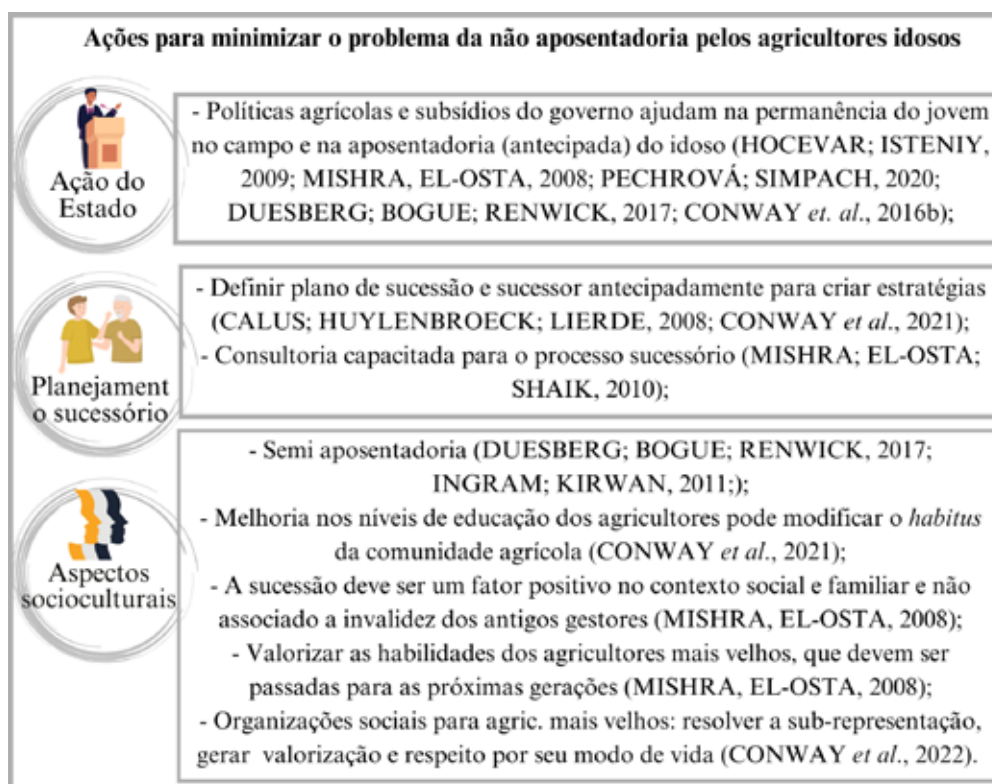
de investimento agrícola cerca de 10 anos antes de a propriedade ser transferida (Calus; Huylenbroeck; Lierde, 2008).

Já as consequências negativas para a propriedade rural relacionam-se com os menores investimentos nas propriedades em que não ocorre sucessão (Calus; Huylenbroeck; Lierde, 2008). A agricultura exige “sangue novo” ou “fresco”, pois a população agrícola idosa provavelmente será menos competitiva no mercado atual porque é mais lenta na adoção de novas tecnologias agrícolas (Conway *et al.*, 2016a; Breitenbach; Foguesatto, 2023). Além disso, as propriedades familiares financeiramente sólidas e bem administradas podem entrar em colapso e fracassar lentamente porque a geração mais velha é incapaz ou não está disposta a enfrentar os desejos contraditórios de ver que a próxima geração é bem-sucedida (Conway *et al.*, 2016a).

Por fim, temos as consequências negativas para os próprios idosos agricultores. A necessidade de manter a boa identidade do agricultor está impactando na saúde mental destes à medida que envelhecem, o que pode afetar nas tomadas de decisão importantes relacionadas à idade (Rogers *et al.*, 2014). As taxas de suicídio entre os agricultores idosos, por exemplo, são mais altas do que a média das populações rurais e metropolitanas (Rogers *et al.*, 2014). O estudo de Rogers *et al.* (2014) foi realizado no território australiano, o que pode limitar generalizações.

À medida que foram identificadas as ramificações adversas da não aposentadoria ou retirada dos agricultores idosos da gestão e do trabalho nas propriedades rurais, também foi possível verificar estratégias para mitigar esses efeitos negativos. Essas estratégias foram sintetizadas e classificadas em três esferas de ação, como visualizado na Figura 6.

Figura 6 – Síntese sobre as ações para minimizar as consequências negativas da não aposentadoria do agricultor mais velho



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Uma das esferas de ação seria por parte do Estado que, por meio de subsídios e políticas agrícolas, pode contribuir para aliviar as preocupações da população agrícola, utilizando métodos para estimular a transferência intergeracional da propriedade familiar (Conway *et al.*, 2016a; Petrick; Weiss, 2009). O recebimento de aposentadoria ou subsídio ajuda na permanência do jovem no campo e permite mais esperança para continuarem na agricultura (Istenič; Hočevár, 2009), uma vez que os agricultores conseguem manter um plano de sucessão mais organizado (Mishra; El-Osta, 2008). Esses incentivos financeiros encorajam a aposentadoria precoce da agricultura, mudando as atitudes em relação à transferência intergeracional da fazenda (Conway *et al.*, 2016b).

A aposentadoria antecipada por meio de subsídios, por sua vez, irá permitir a continuidade da atividade agrícola, vai garantir que a atividade se desenvolva com novas perspectivas com um olhar jovem cheio de energia e inovações (Conway *et al.*, 2018). Não há garantia, porém, de que a nova geração irá, de fato, inovar mais a ponto de generalizar essa afirmação. Complementar a isso, para os agricultores mais velhos, os regimes de aposentadoria antecipada são importantes, pois fornecem incentivos financeiros para que se aposentem prematuramente, retirando-se da gestão da propriedade e transferindo suas atividades agrícolas para os agricultores mais jovens (Kontogeorgos; Chatzitheodoridis; Tsampra, 2015; Duesberg; Bogue; Renwik, 2017).

A segunda esfera de ação é dentro das unidades produtivas e voltada para a escolha de um plano sucessor, acompanhado de estratégias de sucessão (Mishra; El-Osta, 2008). O plano de sucessão, no entanto, não significa o sucesso total da sucessão, uma vez que, nesse meio tempo, o jovem pode decidir seguir outra profissão, porém iniciar o processo de forma antecipada reduz estes riscos (Conway *et al.*, 2021). Somado a isso, as propriedades familiares podem buscar auxílio de extensionistas e conselheiros financeiros que prestam consultoria às propriedades agrícolas familiares, desde questões gerais do negócio até desenvolvimento de estratégias de planejamento sucessório (Mishra; El-Osta; Shaik, 2010).

Outra estratégia comumente utilizada para minimizar os impactos negativos dos idosos na gestão das propriedades é o que se chama semiaposentadoria, quando o agricultor não se retira totalmente da propriedade (Duesberg; Bogue; Renwik, 2017). A semiaposentadoria é a retirada gradual das gerações mais velhas do trabalho físico, da gestão e das tomadas de decisão, resultando em uma etapa final de transferência da propriedade da terra para as gerações mais jovens, com os agricultores mais velhos permanecendo na fazenda ou nas proximidades da cidade, mas mantendo uma relação com a fazenda até a morte (Downey; Threlkeld; Warburton, 2017). Nestes casos criam-se ações inovadoras para que os agricultores mais velhos não percam completamente o controle de seus negócios (Ingram; Kirwan, 2011).

Esse tema abre espaço para uma terceira esfera de ação, a qual deve levar em conta os aspectos socioculturais do agricultor. Neste caso, a sucessão familiar deve ser correlacionada com um fator positivo e não com a invalidez dos antigos gestores (Mishra; El-Osta, 2008). Ao passo que cresce na agricultura o acesso a uma qualificação no nível universitário, tais princípios vão sendo reestruturados. O conhecimento formal é uma maneira pela qual os comportamentos coletivos, atitudes e percepções entre os membros da comunidade agrícola em relação ao processo sucessório podem ser influenciadas ao longo do tempo para trazer mudanças muito necessárias nas atitudes em relação à sucessão (Conway *et al.*, 2021). Ou seja, na medida em que esta temática é discutida em âmbito acadêmico e que esse conhecimento se torna acessível

aos agricultores, os aspectos culturais em torno da sucessão vão dando margem para ações técnicas e gerenciais, reduzindo o peso do *habitus* agrícola sobre a gestão agrícola.

Observações dos autores sobre as referências consultadas

Como autores desse artigo, reafirmamos que as informações apresentadas ao longo do texto estão fundamentadas nas referências consultadas e nos documentos provenientes da pesquisa bibliométrica, porém é importante observar que nem todas as afirmações feitas são totalmente respaldadas pela nossa concordância. Por esse motivo, esta seção é dedicada a esclarecer alguns aspectos importantes e pontos conflitantes.

Os documentos consultados frequentemente apontam para uma tensão subjacente entre, por um lado, o jovem, a modernização, eficiência, eficácia e produtividade; e, de outro, o idoso, ultrapassado, improdutivo, incapaz. Este enfoque exige cautela, pois representa uma perspectiva utilitarista que desconsidera o conhecimento acumulado pelos idosos e sua fundamental contribuição para a qualidade da produção agrícola. Muitos autores consultados parecem partir do pressuposto de que a nova geração trará exclusivamente benefícios às propriedades, no entanto essa premissa não pode ser aceita de forma automática, pois, de certo modo, está embasada na ideia de que o conhecimento acumulado pelos mais velhos é simplesmente dispensável e substituível, bem como eles próprios.

É importante lembrar que essas visões são estereótipos e que cada indivíduo deve ser avaliado de forma individual e não com base em sua idade. Além disso, é fundamental reconhecer a contribuição e a experiência dos idosos para a sociedade e valorizar a diversidade geracional como uma riqueza cultural. Existem idosos altamente qualificados, experientes e produtivos em diversas áreas, assim como jovens que podem enfrentar desafios em termos de eficiência e eficácia. A valorização e respeito pelos idosos é fundamental para uma sociedade inclusiva e justa. É importante reconhecer a contribuição que os idosos podem fazer, tanto em termos de conhecimento e experiência quanto em termos de habilidades e perspectivas únicas.

Assim sendo, há o risco de se contaminar pelo etarismo, ao se considerar a incapacidade dos idosos em manterem suas propriedades ativas e produtivas. Com o avanço tecnológico presente na agricultura, talvez a manutenção do idoso não represente de fato uma queda na produtividade e vigor da propriedade. Esse é um aspecto que demanda investigação.

Nessa perspectiva, questiona-se também quais seriam as consequências negativas da presença dos jovens na propriedade, a exemplo da desconsideração de conhecimentos tradicionalmente estabelecidos ao longo do tempo. Isso porque, muitas vezes, os jovens trazem consigo novas ideias e perspectivas, o que pode levar à rejeição ou ao esquecimento de práticas e saberes tradicionais. Somado a isso, os jovens podem não ter a mesma experiência e conhecimento prático dos mais velhos. Isso pode resultar em erros e decisões inadequadas, afetando negativamente a produtividade e os resultados da propriedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar a presente pesquisa constatou-se que os agricultores mais velhos têm uma resistência em relação ao processo sucessório e, especialmente, à aposentadoria. Ou seja, os agricultores mais velhos não se aposentam e preferem “morrer com as botas calçadas”.

Isso ocorre por um conjunto de motivações, com destaque para as dificuldades em deixar os benefícios socioemocionais ofertados pela profissão e em encontrar um sucessor capacitado para assumir a gestão da propriedade rural.

O estudo possibilitou ainda verificar algumas ações que podem minimizar os problemas encontrados pelo agricultor idoso, com destaque para a ajuda governamental por meio do recebimento de subsídios que auxiliem na sucessão e aposentadoria antecipada dos agricultores. Além disso, a ajuda de extensionistas rurais seria importante para a construção de um plano sucessório, somado à possibilidade de adoção, por parte dos agricultores mais velhos, da chamada semiaposentadoria, com a retirada gradual do agricultor mais velho da propriedade.

Ao concluir a presente pesquisa destaca-se que os resultados não foram apresentados de modo a criticar a categoria de agricultores analisados, mas problematizar sobre o assunto e as consequências negativas da não aposentadoria. Ao compreender as motivações e racionalidades do agricultor mais velho, também se evidenciam possibilidades de ação para minimizar o problema, as quais podem ocorrer no âmbito gerencial das propriedades, bem como podem partir do Estado, da extensão rural e de representações da agricultura. A mudança de alguns hábitos danosos para o setor agropecuário e para a população rural seria fundamental para a agricultura, os agricultores mais velhos e os jovens sucessores, porém se reconhece que essa mudança leva tempo e engloba múltiplos fatores culturais, sociais e econômicos.

A partir desses resultados, questiona-se a abordagem adotada por algumas das pesquisas consultadas. Em certos casos, essa abordagem minimiza a relevância do conhecimento acumulado pelos mais velhos, considerando-o dispensável e substituível, ao mesmo tempo que superestima a importância dos jovens, atribuindo-lhes o papel exclusivo de responsáveis pelo sucesso das propriedades familiares. Nesse contexto, destacam-se as limitações da pesquisa. A primeira é que, dada a baixa quantidade e diversidade de estudos sobre aposentadoria dos agricultores mais velhos, os resultados dos achados não puderam ser vinculados a um recorte territorial específico, o que resulta em uma generalização das especificidades, as quais normalmente variam de um país a outro. A questão fundiária, a luta no campo, condições de infraestrutura, financiamento, expectativa de vida, etc., ao serem desconsideradas podem limitar generalização.

Outra limitação é não terem sido confrontados os dados teóricos dos documentos analisados com dados empíricos e pesquisa de campo em um determinado território. Ao passo que se identificou essa limitação, também se evidenciam possibilidades de estudos futuros, os quais poderiam confrontar os resultados desta pesquisa com distintas realidades da agricultura e ouvir a opinião dos agricultores mais velhos e organizações relacionadas à agricultura.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Adriana. *Envelhecer no contexto rural: a vida depois do aposento*. 2016. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9098>. Acesso em: 18 out. 2022.
- ALDANONDO OCHOA, A. M.; CASANOVAS OLIVA, V.; ALMANSA SÁEZ, C. Explaining farm succession: the impact of farm location and off-farm employment opportunities. *Spanish Journal of Agricultural Research*, v. 5, n. 2, p. 214-225, 2007. DOI: 10.5424/sjar/2007052-241
- BAWACK, R. E. *et al.* Artificial intelligence in E-Commerce: a bibliometric study and literature review. *Electronic Markets*, p. 1-42, 2022. DOI: 10.1007/s12525-022-00537-z

- BEECHER, M. *et al.* Careers in dairy: adolescents perceptions and attitudes. *The Journal of Agricultural Education and Extension*. v. 25, p. 415-430. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/1389224X.2019.1643745>
- BERTONI, D.; CAVICCHIOLI, D. Process description, qualitative analysis and causal relationships in farm succession. *CABI Reviews*, n. 2016, p. 1-11, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1079/PAVSNNR201611043>
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BOURDIEU, P. *Avec Löic Wacquant; réponses*. Paris: Seuil, 1992.
- BREITENBACH, R.; CORAZZA, G. Formação profissional e a relação com a sucessão geracional entre jovens rurais, Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 17, n. 2, p. 262-296, 2019.
- BREITENBACH, R.; CORAZZA, G. Jovens rurais do Rio Grande do Sul/Brasil: Questões de gênero na sucessão geracional. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 16, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.54399/rbgdr.v16i3.5889>
- BREITENBACH, R.; FOGUESATTO, C. R. Should I stay or should I go? Gender differences and factors influencing family farm business succession in Rio Grande do Sul, Brazil. *Land Use Policy*, v. 128, p. 106597, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2023.106597>
- CALUS, M.; VAN HUYLENBROECK, G.; VAN LIERDE, D. The relationship between farm succession and farm assets on Belgian farms. *Sociologia ruralis*, v. 48, n. 1, p. 38-56, 2008.
- CONWAY, S. F. *et al.* *Intergenerational Transfer of Family Farms: A View of the Human Side*. 12th IFSA SYMPOSIUM, 2016a. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.01.016>
- CONWAY, S. F. *et al.* Cease agricultural activity forever? Underestimating the importance of symbolic capital, *Journal of Rural Studies*, v. 44, p. 164, p. 176, 2016b. DOI: [10.1016/j.jrurstud.2016.01.016](https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.01.016)
- CONWAY, S. F. *et al.* Farmers Don't Retire: Reassessing How We Engage and Understand the "Older" Farmer's Perspective. *Sustainability*, Switzerland, 1º mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/su14052533>
- CONWAY, S. F. *et al.* Unraveling obstacles: the exercise of symbolic power in the complex arena of intergenerational transfer of family farming. *Journal of Rural Studies*, ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2017.06.007>
- CONWAY, S. F. *et al.* On the contrary: uncovering the habitus of older farmers to help facilitate renewal in agriculture. *Ruralis sociology*, July. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/soru.12355>
- CONWAY, S. F. *et al.* Till Death Do Us Part: Exploring the Irish Farmer-Farm Relationship in Adult Life Through the Lens of "Insideness". *International Journal of Agricultural Management*, 1º jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22004/ag.econ.292482>
- CONWAY, S. F. *et al.* Human dynamics and the intergenerational transfer process of farms in adulthood: a roadmap for future generational renewal in politics. *International Journal of Agricultural Management*, 22 ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5836/jam/2019-08-22>
- DOWNEY, H.; THRELKELD, G.; THRELKELD, J. How do older Australian farming couples build lifelong generativity? A narrative exploration. *Journal of Aging Studies*, 1º Aug. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2016.04.007>
- DOWNEY, H.; THRELKELD, G.; WARBURTON, J. What is the role of place identity in the retirement of older farming couples? *Journal of Rural Studies*, 1º feb. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.12.006>
- DUESBERG, S.; BOGUE, P.; RENWICK, A. Retirement agriculture or sustainable growth – land transfer options for non-successor farmers. *Land Use Policy*, 1º feb. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2016.12.007>
- FOGUESATTO, C. R. *et al.* Will I have a potential successor? Factors influencing family farming succession in Brazil. *Land Use Policy*, v. 97, 104643, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2020.104643>
- GHA. Ghana News Agency. *Making agriculture attractive to the youth*. Tuesday, mar. 20, 2012.
- GLAUBEN, T.; TIETE, H.; WEISS, C. Agriculture on the move: exploring regional differences in farm exit rates in West Germany. *Jahrbuch für Regionalwissenschaft*, Mar. 2006. DOI: <http://hdl.handle.net/10419/23600>
- HAUTANIEMI, S. L.; GUTMANN, M. Land Use and Transfer Plans in the US Great Plains. *Great Plains Survey*, Sept. 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23780061>. Acesso em: 18 out. 2022.
- HAYDEN, M.; MCNALLY, B.; KINSELLA, A. Exploring the state's pension provision policy for the farming community. *Journal of Rural Studies*, ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2021.05.032>
- HOLLOWAY, L. *et al.* Futures of sustainable family farming: exploring family farming decision-making challenges through an emotional lens of "belonging". *Sustainability*, Switzerland, 1º Nov. 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/su132112271>

- INGRAM, J.; KIRWAN, J. Matching new entrants and retired farmers through agricultural joint ventures: Insights from the Fresh Start Initiative in Cornwall, UK. *Land Use Policy*, 29 June 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2011.04.001>
- ISTENIČ, M. Č.; HOČEVAR, D. K. *Perception of intergenerational relationships on farms in Slovenia through the gender lens*. 2009. Disponível em: https://oega.boku.ac.at/fileadmin/user_upload/Tagung/2008/Band_18/18_2__Cernic_Knezivic.pdf. Acesso em: 25 out. 2022
- JANSUWAN, P.; ZANDER, K. K. What to do with the farmland? Coping with ageing in rural Thailand. *Journal of Rural Studies*, Jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2020.12.003>
- KARARACH, G.; KOBENA, T. H.; FRANNIE, A. L. *Regional integration policies to support job creation for Africa's burgeoning youth population*. The African Capacity Building Foundation (ACBF) Working Paper #21, 2011.
- KIMHI A; LOPEZ R. A note on farmers' retirement and succession considerations: Evidence from a household survey. *Journal of Agricultural Economic*, Jan. 1999. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1477-9552.1999.tb00802.x>
- KONTOGEOGOS, A.; CHATZITHEODORIDIS, F.; TSAMPRA, M. Agricultural policy and the environment protection through the eyes of new farmers: Evidence from a country of Southeast Europe. *Procedia Economics and Finance*, v. 19, p. 296-303, 2015. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2212-5671\(15\)00030-1](https://doi.org/10.1016/S2212-5671(15)00030-1)
- LAGO, Adriano *et al.* Analyzing decision-making factors in the generational succession of rural youth. *Journal of Co-operative Organization and Management*, v. 10, n. 2, p. 100-187, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jcom.2022.100187>
- MARCOUX, L.; HÉBERT Maxime. Retirement of the agricultural community: individual, family and social issues. *Enfances, Familles, Générations*, 15 jun. 2020.
- MATTE, A. *et al.* Agricultura e pecuária familiar: (Des) continuidade na reprodução social e na gestão dos negócios. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 15, n. 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.54399/rbgdr.v15i1.4317>
- MBEINE, E. How Can We Attract the Ugandan Youth to Agriculture? *In: Agriculture for Food and Income Security: Agricultural Sector Development Strategy and Investment Plan 2010/11–2014/15*. Entebbe: FIT Uganda Ltd., Ministry of Agriculture Animal Industry and Fisheries, 2012.
- MISHRA, A. K.; EL-OSTA, H. S. Effect of agricultural policy on succession decisions of farm households. *Review of Economics of the Household*, v. 6, p. 285-307, 2008. DOI: [10.1007/s11150-008-9032-7](https://doi.org/10.1007/s11150-008-9032-7)
- MISHRA, A.; EL-OSTA, H.; SHAIK, S. Succession Decisions in US Family Farming Businesses. *Journal of Agricultural and Resource Economics*, Apr. 2010. DOI: <https://www.jstor.org/stable/23243041>
- MOREIRA, P. S. C.; GUIMARÃES, A. J. R.; TSUNODA, D. F. Qual ferramenta bibliométrica escolher? Um estudo comparativo entre softwares. *P2P & Inovação*, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/138660>. Acesso em: 6 jul. 2022.
- O'CALLAGHAN, Z.; WARBURTON, J. No one to fill my shoes: Narrative practices of three ageing Australian male farmers. *Ageing and Society*, 1º mar. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0144686X1500118X>
- OSAWA, T.; KOHYAMA, K.; MITSUHASHI, H. Multiple factors drive regional agricultural abandonment. *Science of The Total Environment*, v. 542, p. 478-483. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2015.10.067>
- PAGE, J. Youth, jobs, and structural change: Confronting Africa's "Employment problem". *Working Paper Series*, n. 155. African Development Bank, Tunis, Tunisia, 2012.
- PECHROVÁ, M. Š.; ŠIMPACH, O. Do subsidies help young farmers? The case study of the Czech Republic. *Acta Universitatis Agriculturae et Silviculturae Mendelianae Brunensis* 2020. DOI: <https://doi.org/10.11118/actaun202068010255>
- PETRICK, M.; WEISS, C. Probability and Time of Succession or Termination in Family Firms: A Regression Analysis of Change in Agricultural Households in Germany. *Journal of Rural Studies*, Jan. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/00036840601131722>
- PITTS, M. J. *et al.* Dialectical tensions underpinning family farm succession planning. *Journal of Applied Communication Research*. Res. v. 37, p. 59-79, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/00909880802592631>
- POTTER, C.; LOBLEY, M. Ageing and succession on family farms: the impact on decision-making and land use. *Sociologia Ruralis*, v. 32, 1992. DOI: [10.1111/j.1467-9523.1992.tb00935.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.1992.tb00935.x)
- ROGERS, M. *et al.* Healthy Aging: Cultivating at twilight. *Rural Society*, 17 dic. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5172/rsj.2013.22.3.251>
- SCOPUS. Elsevier. *Start exploring*. Disponível em: <https://www-scopus-com.ez47.periodicos.capes.gov.br/search/form.uri?display=basic>. Acesso em: 2 jul. 2022.

STOFFEL, J. *A influência da agricultura familiar no desenvolvimento rural na Região Sul do Brasil*. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Mestrado e Doutorado, Santa Cruz do Sul, 2013.

URBAN, B.; NONKWELLO, R. P. Intra-family dynamics and succession planning in family businesses in South Africa: The daughter as a potential successor. *Journal of Family Business Management*, v. 12, n. 2, p. 266-279, 2022. DOI:10.1108/JFBM-08-2020-0084

WHEELER, S. *et al.* Handing down the farm? The increasing uncertainty of irrigated farm succession in Australia. *Journal of Rural Studies*, v. 28, n. 3, p. 266-275, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2012.04.001>

Autora Correspondente:

Mariele Boscardin

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Av. Roraima – Camobi, Santa Maria/RS, Brasil. CEP 97105-340

marieleboscardin@hotmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.